

## Tradução cultural através da literatura: entre o mundo árabe e o ocidente

Doutoranda Mônica Kalil Pires<sup>1</sup>

### **Resumo:**

*Contra o “Choque de civilizações” de Huntington, que percebe o mundo dividido e estático, o conceito de tradução cultural compreende que as civilizações e as culturas são discursos em movimento e se interpenetram constantemente. Neste trabalho, analiso romances históricos de dois autores da diáspora libanesa provocada pela Guerra Civil (Amin Maalouf e George Bourdoukan) para ver como, através da Literatura, eles apresentam o mundo árabe para o ocidente. Seqüestrando o leitor para um universo ficcional, eles possibilitam o conhecimento dos valores do outro e relativizam os valores do mesmo. Para verificar como se constrói a tradução cultural nesses romances, o ensaio analisa o aproveitamento da oralidade árabe feita pelos autores.*

**Palavras-chave:** tradução cultural; cultura árabe; Amin Maalouf; Georges Bourdoukan; oralidade.

### **Tradução cultural**

O conceito de tradução cultural atrai estudiosos de diversas áreas do conhecimento, especialmente das Letras e dos Estudos Culturais. Mas esse conceito só surge após um longo desenvolvimento das teorias sobre tradução lingüística e sobre cultura.

Pensar a tradução é pensar o encontro de culturas. Mas o que é uma “cultura”? Como se forma esse conceito e quais as implicações disso?

Peter Burke usa o termo

em um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações. (BURKE, 2003, p. 17)

Alguns dos elementos que compõem a cultura são a religião, a arte e a maneira de vestir, comer ou trabalhar. Cada um desses elementos é uma solução encontrada por um povo para um problema específico com os quais se depara, lançando mão dos recursos disponíveis naquele momento. A fome ou a ausência de alimento ou água, a necessidade ou não de disputa de território com outros povos, por exemplo, influenciam no desenvolvimento de uma cultura e regulam sua abertura para o *outro*. Nesse sentido, nenhuma cultura pode ser considerada inferior ou superior à outra, porque cada uma é um sistema feito a partir da realidade na qual está inserida.

Além disso, a cultura é um *discurso* que une seus membros, levados a acreditar que, apesar de todas as suas diferenças – sociais, econômicas, sexuais, religiosas -, pertencem a um mesmo grupo, que se opõe a outro grupo cultural, apresentado como

*essencialmente* diferente. A diferença entre os grupos, porém, está menos em traços concretos – já que cada povo é um amálgama de várias origens – e mais no discurso que os definem.

O outro, que se encontra à margem da identidade cultural construída pelo discurso do *eu*, estabelece com o núcleo identitário uma relação de tensão constante, fazendo com que os limites sejam rompidos frequentemente e permitindo um certo trânsito entre o “dentro” e o “fora”. A cultura, portanto, está em movimento constante, apesar do desejo freqüente da fixação de sua identidade com base em critérios que interessam a determinados grupos.

Ora, o discurso se constrói através da língua, justamente um dos elementos mais fortes da cultura. A língua não só faz parte de uma herança passada de pai para filho como também, na medida em que veicula valores e julgamentos de valor, é capaz de moldar a forma de ver os fatos que se apresentam ao falante, sendo geradora de realidades. Depositária do passado e gestante do futuro, a língua é o instrumento, embora confuso e incompleto, do qual os povos se servem para se comunicar. Porém, herdeiros de Babel, somos todos presas de códigos ambíguos e insuficientes.

Honra e desonra, violência e paz, covardia e coragem, beleza e feiúra, lealdade e traição são algumas palavras que direcionam a forma de ver determinado fato ou objeto e cujo significado varia de cultura para cultura e de época para época. Dependendo da posição em que um povo se encontre, por exemplo, como colonizado ou colonizador, muda a noção de humanidade. O colonizador pode eliminar o *outro* por considerá-lo um animal e um colonizado também poderá ver aquele que o reprime e sufoca como uma besta fera.

Se o contato entre diferentes culturas é constante, a comunicação entre elas é necessária para a sua renovação e sobrevivência, mas isso não acontece sem problemas.

Para haver a comunicação entre duas culturas, é fundamental que a língua traduza não apenas fatos e informações, mas sim a forma de pensar e de valorar da outra cultura. O mediador deve dominar tanto a língua quanto a cultura dos povos envolvidos na tradução, como origem e como meta. Também é preciso haver equilíbrio de poderes entre uma cultura e outra, para haver uma relação de troca. Caso contrário, a tradução poderá ficar comprometida, ou com o excesso de preocupação com a cultura meta, ou com o excesso de respeito pela cultura de origem.

Se a tradução literária se vale de duas línguas e dois sistemas literários distintos, a tradução cultural pressupõe dois elementos, no mínimo, com identidades próprias, construídas com base na história, na língua e na religião, entre outros aspectos.

Para introduzir uma idéia em um contexto totalmente diverso do original, o tradutor frequentemente se vale de uma estratégia: usa conceitos familiares à cultura de recepção a fim de apresentar o diferente. O risco, ao fazer isso, é que, ao invés de se compreender a diferença dos sistemas, a cultura traduzida seja julgada com base nos valores da cultura de recepção. Esse tipo de postura necessariamente leva a uma “exotização” e inferiorização do *outro*, que não se ajusta ao molde forçado oferecido pela cultura de recepção.

Embora fundamental, para possibilitar o diálogo, é preciso admitir que a tradução cultural, pela complexidade de cada um dos elementos da equação, é sempre incompleta: é impossível traduzir o contexto (histórico, lingüístico e religioso); traduzir é, necessariamente, fragmentar e selecionar. Por isso, parafraseando Tânia Carvalhal (2003), é possível dizer que a tradução cultural é uma das leituras que podem ser feitas na cultura, nunca é a única possível, a definitiva. A cultura que está sendo apresentada para a outra é sempre mais complexa do que sua concretização em uma determinada obra. No entanto, essa obra é uma das possibilidades da cultura.

Traduzir é acreditar na possibilidade de mistura, não na pureza essencial, incomunicável. É acreditar que o conhecimento do outro, mesmo que parcial, ajuda a rever a cultura de recepção, que não é um todo fechado, mas matéria em construção. Para a cultura de origem, a tradução é o preço para a visibilidade; para a cultura de recepção, é a janela que dá novos ares e permite a vida.

Resumidamente, pode-se dizer que o tradutor é submisso ao texto e à cultura de origem - que devem ser preservados, apesar das idéias favoráveis ou contrárias do mediador -, e ao destinatário, na medida em que depende do conhecimento anterior que esse possui a respeito do assunto. Apesar disso, o tradutor sempre acrescenta o seu viés ideológico, ao selecionar palavras e informações.

A tradução introduz uma informação nova em outra cultura; explica uma cultura para outra; populariza um conhecimento que antes era elitizado, conhecido apenas por aqueles que dominam os dois códigos; modifica o saber e fertiliza o conhecimento, graças à associação de idéias das duas culturas, porque, com o contato com o diferente, a criatividade acaba gerando uma outra via, que não pertence nem à cultura de origem, nem à de chegada.

Se o texto traduzido não é uma versão inferior do original (como se acreditava antigamente), mas um novo original, também na tradução cultural se cria um novo espaço cultural, não totalmente fiel à cultura de origem, nem totalmente dominado pela cultura de recepção. Para se criar esse espaço é necessário o desejo de comunicação, que possibilite o encontro com o *outro*.

## **O encontro Ocidente e Oriente árabe**

O encontro de civilizações é também – e talvez sobretudo – o encontro de comunidades que “se imaginam” e “são imaginadas”. Existe, por isso, um jogo de espelhos, em que uma comunidade projeta na outra aspectos que quer esconder em si mesma.

Edward Said fez um estudo fundamental a esse respeito - o já clássico “*Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*”, escrito em fins da década de 70 e que se tornou obra basilar para os Estudos Culturais - em que mostra que há um discurso feito pelo Ocidente sobre o Oriente como forma de melhor submetê-lo e justificar sua submissão. Esse discurso passa não só pelos textos dos políticos, mas também pelos dos poetas, romancistas e outros pensadores que solidificaram uma concepção abstrata e ideológica que distingue oriente e ocidente, como se fossem entidades estanques e impenetráveis. Afirma Said:

O orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre “o Oriente” e (a maior parte do tempo) o Ocidente”. Desse modo, uma enorme massa de escritores, entre os quais estão poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, aceitou a distinção básica entre Oriente e Ocidente como o ponto de partida para elaboradas teorias, épicos, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, dos seus povos, costumes, “mente”, destino e assim por diante. (SAID, 2001, p. 14)

Como a diferença entre Ocidente e Oriente não é um fato geográfico e sim uma construção cultural, Said afirma que:

(...) assim como o próprio Ocidente, o Oriente é uma idéia que tem uma história e uma tradição de pensamento, imagística e vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, desse modo, apóiam e, em certa medida, refletem uma à outra. (SAID, 2001, p. 16 e 17)

Na falta de um dado exterior inquestionável e admitindo-se que os fatos são sempre interpretados pela cultura, limitada pelo conhecimento de quem os filtra, compreende-se a preocupação de Said com a posição de quem fala sobre o “oriente”:

Qualquer pessoa que escreva sobre o Oriente deve localizar-se com relação ao Oriente; traduzida para o seu texto, essa localização inclui o tipo de voz narrativa que ela adota, o tipo de estrutura que constrói, os tipos de imagens, temas, motivos que circulam no seu texto – tudo isso resumindo-se a modos deliberados de dirigir-se ao leitor, de dominar o Oriente e, finalmente, de representá-lo ou de falar no seu lugar. (SAID, 2001, p. 32)

O que é afirmado por “orientalistas”, ocidentais que falam sobre e pelos orientais, revela mais dos que falam do que dos que são falados, na medida em que expõe medos e desejos desse *eu* ocidental.

Em contato com o mundo do *outro*, o ocidente carrega consigo uma expectativa do que vai encontrar, que muitas vezes limita a compreensão do que vê. O “conhecimento” passa a ser uma confirmação do que já se pensa sobre o *outro*; a voz diferente é abafada. O leitor projeta na obra aquilo que espera encontrar, por isso a obra não é resultado apenas do que o seu autor disse, mas também da interação com o público, que tem uma leitura determinada por sua cultura e seu momento histórico, entre outros fatores.

A tradução cultural, ao admitir a diferença e ao criar pontes entre as margens – mesmo que imperfeitas - é elemento fundamental para construir uma estrutura cultural que possibilite relações dialógicas entre povos e pessoas. O oposto da tradução cultural seria o “choque de civilizações”, essa expressão consagrada por Huntington (1997), e que aposta em uma impossibilidade de diálogo entre ocidente e oriente. A análise dos argumentos desse autor mostra como se constrói uma teoria essencialista, xenófoba e determinista, com aparência científica.

Em “O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial”, Huntington afirma que “As fronteiras do Islã *são* sangrentas, como também o são as suas entranhas” (HUNDINGTON, 1997, p. 328). A causa disso estaria na história, na demografia e na política dos países com população muçulmana.

A tese de Huntington, em linhas gerais, sugere que os muçulmanos, a menos que renunciem a sua fé e a sua história – ou seja, deixem de ser quem são – não podem conviver de forma pacífica com o Ocidente. Em outras palavras, a única solução para a Paz é a eliminação do *outro*!

A diferença, portanto, entre a tradução cultural, que ocorre nos encontros culturais, e o choque de culturas, tal como o concebe Huntington, é que no primeiro caso existe interpenetração, com as duas culturas perdendo e ganhando, enquanto no outro, o que está previsto é a eliminação de uma pela outra.

Na relação entre as culturas, é preciso haver tolerância de parte a parte. No entanto, a tolerância é construída historicamente. Paul Ricoeur afirma:

A idéia de tolerância transpõe um limite crítico com a crise da idéia de verdade. A simpatia pelas idéias das quais não compartilhamos dá lugar à suposição de que uma parte da verdade pode estar em outro lugar que não nas convicções que fundamentam as tradições em que fomos educados. Que possa existir verdade fora de meu mito, é uma suposição que se volta contra minha própria convicção; exige uma espécie de ascetismo intelectual, sempre doloroso, da parte de quem quer que procure o equilíbrio entre a crítica e a convicção. (RICOEUR, apud AHLMARK, p. 22)

Compreender a multiplicidade do conceito de verdade é, portanto, uma etapa para construir o diálogo e a tolerância. E a Arte, e mais especialmente a Literatura, contribui para esse processo de “desarmamento das mentalidades”, para usar o termo empregado pela ONU, na medida em que relativiza certezas e apresenta novas realidades, renovando o imaginário do leitor e seu universo de saberes.

## **Análise de romances**

A tradução cultural, como forma de compreender o *outro* e seu sistema de valores, é especialmente importante em sociedades em que duas culturas convivem intimamente. Nelas, é comum acontecer a demonização do *outro*, que se torna o responsável por todos os problemas da sociedade.

O Líbano, país que reconhece 18 credos oficiais e que se organiza politicamente a partir deles, viveu uma guerra civil de 15 anos e que ainda hoje ameaça se reinstalar, apesar de o conflito estar oficialmente encerrado desde 1990.

São desse país dois autores que trabalham com o diálogo entre ocidente e oriente: Amin Maalouf e Georges Bourdoukan, ambos nascidos no Líbano e jornalistas, ambos autores da diáspora libanesa. Maalouf mora na França e escreve em francês; já foi agraciado com vários prêmios, entre eles o Goncourt. Bourdoukan mora no Brasil e escreve em português; seu primeiro romance foi transformado em samba enredo no Rio

de Janeiro (em 2001) e foi adotado em bibliotecas públicas de todo o país, através do FNDE.

Analisando os romances históricos *Léon, l'africain*, de Maalouf (traduzido com o título “Entre dois mundos: amores e aventuras de Leão, o africano” e publicado pela Brasiliense)<sup>1</sup> e *A incrível e fascinante história do Capitão Mouro*, de Georges Bourdoukan, é possível perceber em comum uma estratégia de tradução cultural: a valorização da oralidade árabe.

Mesmo correndo o risco do reducionismo, visto que falar em *cultura muçulmana* ou *judaico-cristã* abrange um número muito grande de sociedades, com histórias distintas, é possível dizer que a tradução feita nos dois romances envolve uma cultura teocêntrica e oral, e outra, logocêntrica e escrita. Sobre a oralidade, Walter Ong lembra que

Muitas culturas modernas que conheceram a escrita durante séculos, mas nunca a interiorizaram completamente, tais como a cultura árabe e algumas outras culturas mediterrâneas (...), ainda se apóiam grandemente no pensamento e na expressão formulares. (ONG, 1998, p. 36)

Como se vê nessa citação, apesar do inegável valor da literatura escrita em língua árabe, as sociedades muçulmanas, no geral, dão ao saber oral uma importância bem maior do que é visto em sociedades ocidentais. Este saber, que se concretiza em forma de provérbios e parábolas, faz parte daquilo que Jean Lauand (2000) chama de *educação invisível*, que perpetua uma forma de pensar e veicula valores de forma sutil, sem deixar explícitos os objetivos ou os métodos empregados.

Lauand explica que essa educação invisível é garantida na sociedade árabe pelo uso do *mathal*, cujo conceito e importância é explicado em sua tese: *Provérbios e Educação Moral: a Filosofia da Educação de Tomás de Aquino e a Pedagogia do mathal*.

Segundo Lauand, o *mathal* – palavra que em árabe reúne idéias de parábola, lição, provérbio, comparação, exemplo, ditado – tem múltiplos níveis de interpretação e graças a isso mantém sua atemporalidade e universalidade. Ele se coloca como uma resistência à cultura logocêntrica ocidental; através da educação do olhar, ensinando a perceber elementos que não seriam vistos se o *mathal* não chamasse atenção, facilita a abertura para o *outro*. Para guardar valores morais na memória, pela constante rememoração, o *mathal* se vale de humor, associações inusitadas, ritmo e rima.

Ainda segundo o autor,

(...) para a milenar sabedoria oriental, os *amthal* (plural de *mathal*) são a perfeita tradução em termos pedagógicos e de comunicação do sistema língua/pensamento semita, ajustando-se perfeitamente a suas características: o voltar-se para a imagem concreta e o recurso à experiência, ao passado etc. Para o ocidental – sempre tipicamente falando –, uma discussão se encerra, quando se chega a um argumento

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto irei usar o título resumido de *Leão, o Africano*, para me referir à tradução de *Léon, l'africain*. As citações serão tiradas do texto já traduzido.

lógico abstrato; para o ocidental, pelo contrário, prevalece a imagem.  
(LAUAND, 2000, [www.deproverbio.com/DPbooks/LAUAND](http://www.deproverbio.com/DPbooks/LAUAND))

Tanto na obra de Maalouf quanto na de Bourdoukan, são vários os exemplos de *mathal*. A presença da imagem e da experiência pode ser vista, por exemplo, quando o Capitão Mouro é instado a falar sobre o orgulho. Sua resposta, para não afrontar o dono da casa, é através da imagem e do humor:

- Senhor Amado, como sou hóspede em sua casa, nada direi que possa magoá-lo e aos demais. Mas, não fosse eu seu hóspede, a minha resposta seria que o Altíssimo, em sua infinita bondade, diria que o homem foi criado no sexto dia, por isso não deve ser orgulhoso e enaltecido, pois o mosquito foi criado antes dele. (BOURDOUKAN, 1997, p. 64)

Em *Leão, o africano*, são freqüentes também essas imagens, usadas para ensinar. Uma delas acontece quando Hassan (nome árabe de Leão) conversa com seu amigo Harun a respeito de sua irmã:

- Cada vez que penso nela, vítima há quatro anos da pior das injustiças, tenho vontade de pegar o Zeruali pela garganta e estrangulá-lo, assim como a seu cúmplice, o xeque dos leprosos. Juntei o gesto à palavra. Harun não se mostrou de modo algum impressionado:

- Sua pedra é grande demais!

Não revidei. Ele repetiu com uma ponta de impaciência na voz:

- Estou dizendo que sua pedra é grande demais, muito grande. Quando estou na rua com outros carregadores, vejo quase sempre pessoas que gritam, insultam-se, e formam uma confusão. Às vezes, uma dessas pessoas apanha uma pedra. Se ela tiver o tamanho de uma ameixa ou de uma pêra é preciso segurar a mão desse homem, pois ele corre o risco de ferir seu adversário, até tirar sangue. Se, por outro lado, ele pegar uma pedra do tamanho de uma melancia, pode-se então ir embora tranqüilo, pois o homem não tem a menor intenção de atirá-la; ele precisa apenas sentir um peso qualquer nas mãos vazias. Ameaçar estrangular o Zeruali e o xeque dos leprosos é uma pedra tão grande quanto um minarete, e se por acaso eu estivesse na rua, partiria sacudindo os ombros. (MAALOUF, s/d, p. 201 e 202)

Também parte do conceito de *mathal*, o provérbio é freqüente nos textos. Em frases curtas e se valendo de ritmo e rima, o provérbio transmite o saber de várias gerações. Valorizá-lo, por isso, é dar importância à tradição, uma característica das sociedades árabes, para as quais a inovação muitas vezes é um vício. Eis alguns exemplos de provérbios no romance de Maalouf:

A riqueza, irmãos, não se mede pelas coisas que possuímos, mas sim por aquelas de que conseguimos abrir mão. (MAALOUF, s/d, p. 45)

“Os dias que se seguem à derrota trazem amiúde à luz a podridão das almas.” (MAALOUF, s/d, p. 72)

Bourdoukan só usa um provérbio árabe: “É impossível possuir bens e ser livre ao mesmo tempo.” (BOURDOUKAN, 1997, p. 91)

Esses provérbios apelam a um *eu* atemporal e universal, que permite sua leitura em diferentes sociedades e épocas. São, por isso, um elo de ligação entre as diferentes culturas.

Por outro lado, os provérbios também se apóiam sobre a História da sociedade que os eterniza, traduzindo muito de sua forma de agir e pensar. Em *A incrível e fascinante história do Capitão Mouro*, são mais freqüentes os provérbios usados pelos cristãos brasileiros; com isso, o autor consegue fazer a crítica à sociedade que os gerou, expondo, por exemplo, os costumes sexuais daquela época:

Um senhor de engenho confessou que possuiu “pelo vaso traseiro dois menores de dez anos”. A história registra que isso era corriqueiro e que muitas vezes a justificativa era que em Portugal se dizia que “não há galinha que não põe ovos, nem criado que não seja para cometer sodomia”. (BOURDOUKAN, 1997, p. 57 e 58)  
(...) as mulheres da Corte trocam mais de cama que de lençóis.  
(BOURDOUKAN, 1997, p. 179)

Outro recurso da linguagem oral, a expressão formular, que objetiva basicamente criar estruturas que facilitem a memorização dos fatos e a sua repetição e perpetuação, se manifesta de diferentes formas nas narrativas.

No romance de Bourdoukan, por exemplo, existem bordões que se repetem ao longo do texto. Um deles é “Isso a história registra”, que pontua o romance, aparecendo às vezes na forma “A história registra que...”. Ao todo são 18 marcações que separam a fabulação literária da História propriamente dita, que às vezes parece inacreditável.

Outro bordão acontece quando o protagonista percebe alguma característica que considera absurda na cultura que está conhecendo. Ele comenta com seu amigo judeu:

- São loucos esses nazarenos!
- Seres humanos. Apenas seres humanos! (BOURDOUKAN, 1997, p. 66)

Esse bordão se repete, com pequenas alterações, seis vezes ao longo da narrativa (páginas 44, 62, 66,74, 130, 149). A repetição mostra o choque de culturas, mas ao mesmo tempo ela diminui ao longo do texto, o que revela uma certa aceitação por parte do protagonista dessa sociedade com a qual está entrando em contato.

Característica da fala árabe, as invocações a Alá são constantes nessa narrativa. Eis alguns exemplos:

- *Alhamduliláh! Alhamduliláh!* Louvado seja Alláh! Glorificado e enaltecido seja. (BOURDOUKAN, 1997, p. 33)
- Alláh, enaltecido seja, em sua infinita bondade jamais se esquece das boas ações. (BOURDOUKAN, 1997, p. 53)
- Só Alláh tem o poder de vida e morte e somente Ele, enaltecido seja, conhece o destino das pessoas. (BOURDOUKAN, 1997, p. 88)

Outra marca muçulmana no discurso de Saifudin, presente 6 vezes no romance, é a expressão *Maktub*, que indica que tudo está escrito, e que, portanto, o crente tem que se sujeitar à vontade divina. De fato, as palavras *muçulmano* e *islamismo*, em árabe,



relacionam-se com a idéia de submissão a um poder maior; é aceitando os desígnios de Alá que o crente encontra a *paz*, outra palavra que se relaciona com a idéia de submissão. Todas essas palavras têm o mesmo radical, em árabe: S-L-M.

O romance de Maalouf, *Leão, o africano*, também valoriza muito aspectos da oralidade árabe, em especial as invocações a Alá e citações do Corão, livro sagrado dos árabes, cujo nome tem a mesma origem do verbo “recitar”, em árabe. Na religião muçulmana, a Grande Recitação faz parte de um ritual de entrada na vida adulta; os ayat (versículos), por isso, são conhecidos por todos na comunidade e usadas como argumento de autoridade, como nesse caso:

Como minha mãe lhe perguntasse se teria chance de reencontrar sua preciosa caixinha, ele respondeu, como todo homem sábio, com um versículo do Alcorão:

- Talvez detesteis uma coisa e ela se mostre benéfica a vós; talvez vos regozijeis com algo e isso vos faça infeliz, pois Deus sabe, vós não sabeis. (MAALOUF, s/d, p. 103)

Também no romance de Bourdoukan as citações do Alcorão estão presentes. Perguntado sobre por que teria arriscado salvar sua vida por um escravo que estava sendo maltratado, ele responde que “No livro sagrado está escrito que quem salva um homem salva a humanidade.” (BOURDOUKAN, 1997, p. 52)

Além da oralidade, outros aspectos da cultura árabe são valorizados pelos dois autores, especialmente informações sobre rituais dos muçulmanos (como a Grande Recitação ou o casamento) e sobre a ciência árabe, bem mais desenvolvida naquela época (séculos XVI e XVII) do que a ciência do ocidente. Estes aspectos, porém, ficam para ser desenvolvidos em outro momento.

Pode-se perceber, pelos exemplos usados, que tanto Maalouf quanto Bourdoukan, ao usar provérbios, parábolas ou citações do Corão, visam diminuir o preconceito ocidental sobre os árabes - fruto, sem dúvida, do desconhecimento - apresentando sua cultura para o público ocidental. É através dessa informação que os autores instauram a dúvida no leitor sobre a universalidade de seu saber e de sua cultura. Admitindo que a verdade pode ter várias faces, o leitor reconhece a humanidade do *outro*.

### ***REFERÊNCIAS:***

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOURDOUKAN, Georges Latif. **A incrível e fascinante história do Capitão Mouro**. São Paulo: Sol e Chuva, 1997.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2003.

CARVALHAL, Tânia. **O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo, RS: Editora da UNISINOS, 2003.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

MAALOUF, Amin. **Entre dois mundos**: amores e aventuras de Leão, o Africano. Tradução de André Camargo. São Paulo: Best Seller, s/d.

MAALOUF, Amin. **Léon, l'Africain**. Paris: J.-C. Lattès, 1986.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papirus, 1998.

RICOEUR, Paul. "Etapa atual do pensamento sobre a intolerância." In AHLMARK et alii. **Foro Internacional sobre a Intolerância**. Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

[www.deproverbio.com/DPbooks/LAUAND](http://www.deproverbio.com/DPbooks/LAUAND) acesso em 04/7/2005

---

<sup>1</sup> Mônica Kalil Pires, Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista CNPq.